

EXPLORANDO PARALELOS HISTÓRICOS: UMA INVESTIGAÇÃO DA PROIBIÇÃO DA CAPOEIRA E DO SKATE NO BRASIL

Giuseppe Amorim Paviani (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Fernando Augusto Starepravo (Orientador/UEM), Giovana Xavier (Co-orientadora/UEM)
E-mail: fastarepravo@uem.br, giovannax.moura@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências da Saúde, Maringá, PR.

Ciências da Saúde, Educação Física

Palavras-chave: Proibição; Prática Urbana; Estado.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo compreender as relações entre a proibição da capoeira e do skate no Brasil, analisando como práticas culturais, situadas em contextos históricos distintos, foram alvo de repressão por parte do Estado. Para isso, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória, situada no campo da sociologia do esporte. Foram utilizadas as metodologias de pesquisa bibliográfica e documental, com base em autores como Bourdieu, Fontoura e Gil, além de análise de conteúdo conforme Bardin (2011). Os resultados apontam que tanto a capoeira quanto o skate foram marginalizados e criminalizados por representarem formas de expressão ligadas a grupos sociais historicamente excluídos dos espaços de poder. A capoeira foi associada à criminalidade durante os séculos XIX e XX, sendo legalmente reprimida; já o skate foi estigmatizado como prática transgressora no espaço urbano, sobretudo nas décadas de 1980. Em ambos os casos, a ausência de capital político e burocrático dos praticantes contribuiu para sua vulnerabilidade frente ao aparato estatal. Conclui-se que essas práticas, embora inicialmente reprimidas, foram posteriormente apropriadas e incentivadas pelo próprio Estado — a capoeira como símbolo da identidade nacional, e o skate por sua inserção no programa olímpico. Assim, evidencia-se a seletividade do poder público na legitimação cultural, refletindo disputas simbólicas e sociais que merecem contínua investigação.

INTRODUÇÃO

A história da capoeira no Brasil é atravessada por lacunas documentais, decorrentes, em parte, da queima de registros sobre a escravidão em 1890. Preservada oralmente, a prática emergiu como forma de resistência dos negros escravizados, combinando expressão simbólica e autodefesa (Fontoura, 2002). Apesar de divergências quanto à sua origem — africana ou adaptada no Brasil colonial —, há consenso sobre sua complexidade e caráter multifacetado. De modo análogo, o skate, surgido nos Estados Unidos, na década de 1930 e difundido no

Brasil a partir de 1960, consolidou-se como prática urbana criativa e dinâmica (Brandão, 2011; Neves et al., 2008).

Ambas as expressões sofreram repressão institucional: a capoeira foi criminalizada até o século XX e só parcialmente tolerada sob rígidas normas no governo Vargas; O skate enfrentou proibições em cidades brasileiras nos anos 1980 e 1990, acusado de perturbar a ordem urbana. Para compreender tais processos, o estudo adota os conceitos de *habitus*, *campo* e *capital simbólico* de Bourdieu, analisando como o Estado e a sociedade classificam práticas culturais como legítimas ou marginais. Investiga-se como capoeira e skate, ao ocuparem espaços públicos com corpos tidos como desviantes, tensionaram normas sociais e revelaram disputas por reconhecimento simbólico e direito à cidade. Nesse sentido, o objetivo foi compreender as relações entre a proibição da capoeira e do skate no Brasil, analisando como práticas culturais, situadas em contextos históricos distintos, foram alvo de repressão por parte do Estado

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo, na sociologia do esporte, utiliza abordagem qualitativa exploratória e Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) para investigar as proibições históricas da capoeira e do skate no Brasil. Com base em fontes científicas e documentos legais, a análise fundamenta-se nos conceitos de *habitus*, *campo* e *capital simbólico* de Bourdieu, permitindo compreender como o Estado e instituições estruturam hierarquias simbólicas que moldam a percepção e regulação dessas práticas culturais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A capoeira é uma prática cultural complexa, que articula dança, luta, música e resistência, tendo se consolidado como símbolo da identidade afro-brasileira. De origem controversa, há hipóteses que apontam tanto raízes africanas, como a relação com o *n'golo* dos Mucupe de Angola, quanto associações ao cotidiano dos escravizados no Brasil, como o termo “capoeira” vinculado a cestos usados em feiras. Independentemente da origem, a capoeira transformou-se no período colonial em instrumento de resistência dos negros escravizados, manifestando-se em diversos espaços sociais e culturais. No Brasil do século XIX, a capoeira passou de prática marginalizada e criminalizada — com destaque para o Código Penal de 1890 que a tipificou como crime — a uma expressão cultural reprimida pelo Estado em nome da ordem e da modernização. Essa repressão, especialmente intensa no Rio de Janeiro, incluiu perseguições, deportações e o uso político da prática. A expansão para outras regiões, como Salvador, Belém e Maranhão, se deu muitas vezes como fuga da repressão carioca.

A partir da segunda metade do século XIX, a capoeira começou a incluir praticantes de diferentes classes e etnias, ultrapassando os limites da escravidão e inserindo-se no cotidiano urbano. Esse processo de diversificação também implicou disputas internas quanto à forma da prática. Mestre Bimba criou a Capoeira

Regional, mais rápida e sistematizada, enquanto o movimento da Capoeira Angola buscava preservar os elementos tradicionais da manifestação (Lussac, 2004).

Apesar da repressão histórica, a capoeira foi ressignificada ao longo do século XX. Publicações como as de Burlamaqui e a atuação de mestres como Bimba e Pastinha contribuíram para sua institucionalização como ginástica, defesa pessoal e símbolo nacional. Essa trajetória culminou em seu reconhecimento oficial: em 2008, o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) registrou a capoeira como patrimônio imaterial, e em 2014 a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) a declarou Patrimônio Cultural da Humanidade. Atualmente, a capoeira é valorizada como uma prática educativa, artística e política, marcada por sua função histórica de resistência e identidade. Apesar de ter sido marginalizada, a capoeira se consolidou como uma das manifestações culturais mais representativas da formação social brasileira. A partir dessas observações, é possível perceber mudanças significativas, nas quais a prática reafirma sua relevância tanto na construção da nação quanto na luta pelo reconhecimento da cultura negra.

Assim como a capoeira, o skate é uma prática cultural marcada pela resistência, multifacetada e com forte ligação à criatividade e à individualidade de seus praticantes. Surgido nos Estados Unidos entre as décadas de 1930 e 1950, o skate teve influência direta do surf, especialmente na Califórnia, e foi associado à contracultura, opondo-se aos padrões normativos da época. No Brasil, chegou nos anos 1960, inicialmente no Rio de Janeiro, expandindo-se por meio da criatividade dos jovens diante da escassez de materiais, o que fortaleceu a identidade local da prática. A introdução das rodas de poliuretano na década de 1970 revolucionou o skate, impulsionando sua visibilidade e popularidade, com a criação de pistas, campeonatos e revistas especializadas, consolidando um *habitus* próprio, conforme Bourdieu (2002). A prática, influenciada posteriormente pelo movimento punk, passou a ocupar o espaço urbano, reinterpretando elementos da cidade como obstáculos. Isso gerou tensões com o poder público, como demonstram as proibições decretadas em cidades como São Paulo (1988) e Blumenau (1999).

A fundação da CBSk (Confederação Brasileira de Skate) em 1999 foi central para a institucionalização do skate, ampliada com a inclusão da modalidade no programa olímpico em 2016. Assim como a capoeira, o skate percorreu um caminho de criminalização e resistência até alcançar reconhecimento e legitimação estatal, evidenciando paralelos entre práticas culturais urbanas e seus processos de repressão e valorização.

CONCLUSÕES

A partir das trajetórias da capoeira e do skate no Brasil, percebe-se que as proibições impostas pelo Estado não podem ser compreendidas apenas como medidas de ordem técnica ou jurídica, mas como expressões de disputas simbólicas no interior do campo burocrático. A seletividade estatal evidencia que a legitimação ou a repressão de determinadas práticas culturais depende, em grande medida, da atuação de agentes dotados de capital político e institucional capazes de disputar

sentidos e impor classificações. Esse processo revela que o Estado não age de forma neutra, mas como instância que reproduz desigualdades enquanto redefine, em diferentes contextos históricos, os limites do que é reconhecido como legítimo no espaço público.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pelo apoio, aos professores Fernando Starepravo e Giovanna Moura pela orientação, e ao PIBIC/CNPq pelo fomento a esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

LUSSAC, Ricardo Martins Porto. **Desenvolvimento psicomotor fundamentado na prática da capoeira e baseado na experiência e vivência de um mestre da capoeiragem graduado em educação física**. 2004. 450 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicomotricidade) – Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2004.9.

FONTOURA, A. R. R.; GUIMARÃES, A. C. A. História da Capoeira. **Revista da Educação Física/UEM**, 13(2), 141-150, 2002.

BRANDÃO, L. **A Cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural**. Dourados: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD): 2011.

NEVES, T. Z.; FERREIRA, I. M.; PINHEIRO, A. C. de L.; PINHEIRO, W. G. da S. Prevalência de lesões em skatistas profissionais da modalidade Street skate. 2008. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física)** - Faculdades Integradas de Ciências Humanas Saúde e Educação de Guarulhos, Guarulhos, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o Estado: cursos no Collège de France** (1989-1992). Tradução de Rosa Freire d' Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2002